

**THORNTON, JOHN - THE KONGOLESE SAINT ANTHONY
DONA BEATRIZ KIMPA VITA AND THE ANTONIAN MOVE-
MENT, 1684-1706. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1998**

António Custódio Gonçalves
Maciel Morais Santos

Na primeira década do século XVIII desenvolveu-se no território do antigo reino do Congo um movimento messiânico, conhecido posteriormente pelo nome da sua principal figura: Beatriz Kimpa Vita. Dada a precocidade da exposição do Congo à penetração europeia - os portugueses tinham estabelecido os primeiros contactos em 1483 - esta é sem dúvida uma das regiões da África sub-sahariana para a qual se dispõe de maior número de fontes. Não admira, portanto, que as circunstâncias e a evolução particular do fenómeno Kimpa Vita ficassem registados em numerosos documentos escritos, que se cruzaram com a tradicional memória oral africana.

Com base nos depoimentos dos missionários capuchinhos (que através da Coroa Portuguesa, o Vaticano enviou para o Congo no século XVII) existe hoje uma vasta bibliografia sobre o movimento de Kimpa Vita, de que resultou a percepção da sua complexidade, bem superior à de que as primeiras análises davam conta.

Tal como aconteceu com movimentos congêneres, este fenómeno revelou-se ambivalente e paradoxal, difícil de reduzir a uma tipologia classificatória. Sabe-se que em função dos diferentes momentos históricos, os processos dialécticos entre significantes inovadores e significados tradicionais podem assumir categorias diferentes (A. C. Gonçalves, 1980) e, deste modo, induzir facilmente em erros e anacronismos. Em particular, não parece que este movimento Antoniano possa ser considerado através de um nacionalismo projectivo (G. Balandier, 1953; V. Lanternari, 1962 e 1965; Mulhmann, 1968; T. Filesi, 1971 e 1972), de messianismos congolese de outros contextos (L. Jadin, 1961; E. Sulzman, 1968; M. Sinda, 1972) ou em

quadros de “nativismo”, “utopia”, e “associativismo” (Silva Cunha, 1958; E. Santos, 1972). Um dos pontos fortes da tese de Thornton (J. Thornton, 1979) foi precisamente o de ter posto em evidência o simplismo de algumas destas interpretações .

A oportunidade de consultar o relato de Marcellino d’Atri, o encarregado de uma das missões apostólicas e testemunha ocular deste movimento messiânico, proporcionou a J. Thornton a possibilidade de apresentar um novo trabalho sobre este tema. O objectivo declarado do autor é o de apresentar os principais factos conhecidos a um “*público não académico*” e Thornton está especialmente atento à sensibilização de um público em particular: o afro-americano que, na sua opinião, tenderia a esquecer as suas raízes congolezas. Por exemplo, a presença de escravos congolezes na revolta de Stono, ocorrida na Carolina do Sul em 1739, constitui para Thornton uma ligação directa com o messianismo de Kimpa Vita. Daí a necessidade de fazer sair este fenómeno dos círculos académicos, o que nesta perspectiva se pode também ver como uma contribuição para a apropriação da herança congoleza dos E. U. A.

Este objectivo explica parcialmente a forma que tomou a divulgação. Trata-se de uma narrativa que, entre 1684 e 1706, segue cronologicamente as principais etapas dos conflitos feudais do Congo e da biografia de Kimpa Vita. Thornton adaptou o registo das suas fontes e transcreveu várias passagens em discurso directo, sem perda de conteúdo e ganhando sem dúvida em facilidade de comunicação. No conjunto, a exposição é clara, existem alguns mapas que ajudam a situar o terreno da acção e o peso das notas foi várias vezes descarregado para os finais de capítulos (visto alguns deles dependerem quase exclusivamente de uma ou duas fontes apenas).

Thornton integra as informações contextualizantes de forma inteligente, intercalando-as à medida que se tornam necessárias e sem nunca constituírem objecto de secções autónomas do livro. Assim, existe, paralelamente ao relato diacrónico, um texto sincrónico que vai tendo sucessivamente por objecto vários aspectos da cultura material, do sistema de parentesco, das sociedades secretas e do xamanismo congolês, do comércio de escravos, etc.

No entanto, facilidade de leitura não implica necessariamente facilidade de compreensão, tanto mais que o público alvo do livro não se compõe de especialistas de história de África. Para começar, se se pretende modificar a imagem tradicional das raízes islâmicas afro-americanas, adicionando-lhe a componente cristã congoleza, era pre-

ciso mostrar como aparece o cristianismo no Congo e por que razão se torna complicada a grafia dos nomes dos seus reis (com a sua dupla onomástica, portuguesa e africana). Ou então, se se pretende mostrar a modernidade de D. Beatriz e associar a sua mensagem à resistência africana ao tráfico de escravos, era preciso mostrar como esse comércio passou a ser um componente essencial da sociedade congoleza da época. Por outras palavras, torna-se impossível falar do Congo do século XVIII, dos títulos portugueses da sua aristocracia ou da forma cristã sob que aparecem as suas manifestações ideológicas (de revolta ou de legitimação) sem falar dos dois séculos anteriores de presença “semi-colonial” portuguesa.

Pode também notar-se que o peso explicativo do texto sincrónico intercalado nem sempre foi o mais adequado. Por exemplo, a organização linheageira serviu de quadro de referência ao Antonionismo e para a explicação deste movimento é necessária a conjunção entre esta identificação e a sociedade global do Congo e de Angola. Sem uma avaliação correcta destas duas dimensões, corre-se o risco de confundir a história ideológica, ligada a grupos particulares específicos e a história global, objectiva e macro-social.

Devido a esta dependência demasiado estreita do chamado tempo curto (o dos relatos das suas fontes e das conjunturas específicas em que se desenrola a sua narrativa), a narrativa de Thornton perde em inteligibilidade. Além disso, reduz de algum modo a riqueza sincrética do movimento de Kimpa Vita, cuja principal originalidade se prende com o facto de representar uma síntese cultural feita de materiais com quase dois séculos.

Uma peculiaridade do seu índice ideográfico ilustra como esta característica se pode tornar paradoxal. Em abono do texto de Thornton deve dizer-se que, apesar da deficiente contextualização histórica, as suas referências à influência portuguesa (língua, administração, missões, comércio, etc.) no desenrolar da acção são quase permanentes. E no entanto, no seu índice ideográfico a entrada “língua portuguesa” apresenta três menções e a entrada “Portugal” apenas uma, isto é, tantas como “Bristol” ou “Port York”. Thornton teria simplesmente anulado a possibilidade de uma crítica tão fácil como esta se convencionasse que não existiam entradas para “Portugal” ou “Portuguese”, tal como não existem para “Dona Beatriz”, “Kongo” ou “Saint Anthony”.

Algumas lacunas da exposição não diminuem as qualidades de uma belíssima obra de divulgação, que revela de modo muito vivo o

retrato de uma sociedade de há quase três séculos. Existe ao longo da narrativa uma certa tensão dramática, quase shakesperiana, e sem dúvida que isso ajuda a prender o leitor do princípio ao fim do livro. Pode mesmo fazê-lo ultrapassar com êxito a descrição (nada resumida) da geografia e das batalhas de um reino "irreal," povoado de "duques" e "marqueses", ao aproximá-lo do estranho mundo de Tolkien.

Referências citadas

BALANDIER, G., "Messianismes et nationalismes en Afrique Noire", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 14, 1953: 41-65.

CUNHA, J.S., *Aspectos dos movimentos associativos na África negra*, 2 vol., Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1958 e 1959.

FILESI, T., "Nazionalismo e religione nel Congo all inizio del 1700: la setta degli "Antoniani", *Africa*, Roma, XVI, 3, 1971: 267-303; XXVI, 4, 1971: 463-508; XXVII, 1972: 645-668.

GONÇALVES, A.C., *La symbolisation politique: le "prophetisme" Kongo au XVIII ème siècle*, München, London, Weltforum Verlag, 1980.

JADIN, L., "Le Congo et la secte des Antoniens - Restauration du royaume sous Pedro IV et la "sainte Antoine" congolaise (1694-1718)", *Bulletin de Institut Historique Belge de Rome*, Bruxelles, 33, 1961: 411-614.

LANTERNARI, V., *Les mouvements religieux des peuples opprimés*, Paris, Maspero, 1962

"Syncretismes, messianismes, néo-traditionalismes en Afrique Noire", *Archives de sociologie des religions*, 19 janv.-juin 1965: 99-116

MULHMANN, W., *Messianismes révolutionnaires du Tiers-Monde*, Paris, Gallimard, 1968.

SANTOS, E., *Movimentos proféticos e mágicos em Angola*, Lisboa, Casa da Moeda, 1972.

SINDA, M., *Le messianisme congolais et ses incidences politiques*, Paris, Payot, 1972.

SULZMAN, E., "Le mouvement des Antoniens dans l'ancien royaume de Congo", in MULHMANN, W.- *Messianismes révolutionnaires du Tiers Monde*, Paris, Gallimard, 1968: 76-81.

THORNTON, J.K., *The Kingdom of Kongo in the era of the civil wars 1641-1718*, Los Angeles, UCLA, 1979.